

13 JUN 2003

Omelete e ovos

O discurso de acusar o adversário de incoerência e de mudar é mais velho que a Sé de Braga, como dizem os portugueses e nós repetimos no Brasil. Aliado à pecha de corrupção, esse ataque esteve presente em todas as batalhas políticas. Essa prática consta do primeiro documento sobre democracia, que é o discurso de Péricles no elogio aos mortos da Guerra no Peloponeso, onde, entre a colocação da necessidade de um governo do povo, em contraposição ao poder absoluto, ele aproveita para acusar os inimigos do roubo do ouro da estátua de Fídias.

Nos tempos modernos, Roosevelt passou toda uma campanha a explicar as razões pelas quais teria de levar os Estados Unidos à Segunda Guerra Mundial, ele que falara sempre em manter o país longe da disputa. No Brasil, lembremos os Andradas, que mudaram na Independência, de liberais para radicais, e Gonçalves Ledo, porque denunciou-os, pagou na



JOSÉ SARNEY
PRESIDENTE DO SENADO

pele os efeitos dessa mudança.

O governo atual terá de enfrentar esse embate. O tiroteio vem do fogo amigo e dos partidos de oposição, à frente o PSDB e o PFL, porque acham que mudou para trás, ou mudou para frente.

Rui Barbosa foi o único que não deu bola quando acusado de ter mudado. Respondeu: "Não mudam as pedras; não quero mudar do bem para o mal nem do mal para o pior". Carlos Lacerda, quando aliou-se a Juscelino e Jango, justificou sua atitude como necessária à restauração democrática.

Maquiavel, o grande estudioso do poder e não o esperto estereótipo em que o fixaram, sentenciou que, no Estado, "uma

mudança prepara outra", num processo contínuo em que a dinâmica da política dita as regras. Um pouco a lei de Lavoisier de que na natureza tudo se transforma e nada se perde.

É preciso compreender que mudar exige uma grande coragem. É muito mais fácil ficar parado, não mudar nunca. No caso das reformas, só a decisão de fazê-las é estopim para grandes confrontações. O dilema de todo presidente é o difícil equilíbrio entre executar o programa de seu partido ou um programa que seja possível, que esteja num espaço de consensos. Numa eleição majoritária de dois turnos, o eleito é sempre um candidato de coalizão. De votos e de vontades. Muitas vezes as decisões a tomar são sofridas. Mas, repito, quem governa lida com realidades e não abstrações.

Em determinados momentos tem que se ter coragem de enfrentar situações de risco. É o que estamos testemunhando nesse entrechoque de pressões e

contrapressões, como a marcha de protesto que ocorreu em Brasília. O presidente Lula está começando a viver esse momento. Daí a curiosidade internacional com sua decisão de partir para as reformas. Não julgavam possível que um homem oriundo da área do trabalho tivesse visão pública e qualificação política para enfrentar desafios. A esquerda e a classe operária eram estigmatizadas como populistas e desagregadoras.

Mudança e reforma são duas palavras que durante um século estiveram associadas à demagogia, ao oferecimento de soluções verbais e fáceis para problemas impossíveis. Estamos vivendo uma reavaliação da imperfeita compreensão desses conceitos.

Como dizia Tancredo Neves, que gostava de ensinar por aforismos, "não se faz omelete sem quebrar ovos".

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras